



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

TECNOLOGIAS DIGITAIS HOJE NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA SOCIAL FORMATIVA NECESSÁRIA?

Geisa Gomes Vieira Araújo¹

Fausta Porto Couto²

Resumo: Encontramo-nos em um século permeado por tecnologias digitais que em muito poderiam/podem contribuir para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas de educação básica, porém nem sempre são usadas nesse percurso. Apresentamos neste ensaio discussões e apontamentos que permitem estabelecer relações entre as tecnologias digitais presentes na educação básica e a aprendizagem, bem como quais os possíveis modos de promover o letramento digital. Os resultados construídos a partir da revisão bibliográfica, indicam, entre outros autores, Ribeiro & Coscarelli (2010), Lopes & Pimenta (2017), Moran (2000), que o trato pedagógico com as tecnologias digitais supõe a apropriação de habilidades da linguagem digital no contexto docente e discente.

Palavras-chave: Tecnologias digitais; Letramento digital; Educação Básica.

Introdução

Para Tapscott (1999),³ as gerações Y e Z se percebem e articulam-se como cocriadoras de conhecimentos, saberes e realidades na medida em que nasceram em um contexto de muitas tecnologias (mídias sociais e digitais) que imprimiram a elas outros modos de comportar, explicar, comunicar e integrar-se aos contextos culturais, situações e formas de aprendizagem individual e coletivamente. É perceptível que as linguagens se multiplicaram: temos palavras, imagens, novas tipologias textuais, hipertextos, som deslocado e aglutinado em interfaces as mais distintas em vídeos, animações, curtas, documentários entre outros audiovisuais. E essas linguagens provocam novos consumidores e produtores de conhecimentos de e com tecnologias diante da diversidade de produtos culturais que a suposta pós-modernidade trouxe. Ao tempo que as gerações do presente são influenciadas (BAUMAN, 2007) pela cultura tecnológica

¹ Mestra pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora da Rede Municipal de Ensino em Guanambi –BA. Contato: geizaexpגיbi@hotmail.com.

² Doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora na Universidade do Estado da Bahia. Contato: faustaec@gmail.com.

³O autor caracteriza as gerações e seus processos comunicacionais com as mídias e outras tecnologias na perspectiva da comunicação e mídia.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

digital, também ditam novas tendências (CASTELLS, 1999) já que a interatividade supõe pessoas em ação, participação, interação e reação.

Segundo Ribeiro,⁴ o sentido de tecnologia digital agrega a fusão e a interface das linguagens:

Tecnologia digital é um conjunto de tecnologias que permite, principalmente, a transformação de qualquer linguagem ou dado em números, isto é, em zeros e uns (0 e 1). Uma imagem, um som, um texto, ou a convergência de todos eles, que aparecem para nós na forma final da tela de um dispositivo digital na linguagem que conhecemos (imagem fixa ou em movimento, som, texto verbal), são traduzidos em números, que são lidos por dispositivos variados, que podemos chamar, genericamente, de computadores. Assim, a estrutura que está dando suporte a esta linguagem está no interior dos aparelhos e é resultado de programações que não vemos. Nesse sentido tablets e celulares são microcomputadores.

E nesse formato, essa cultura digital que surge no século XX vai sendo inserida na educação a partir de outros modos de ler, escrever, pensar, comunicar, registrar e arquivar as memórias; sobretudo, demanda estar atento para as concepções teóricas e metodológicas que as práticas de ensinar e aprender com essas ferramentas pressupõem no âmbito da leitura, escrita, pesquisa, socialização e compartilhamento de saberes no cotidiano da prática pedagógica. Fugir dessa questão não é mais possível à escola, ou seja, não é mais uma escolha, considerando que os sujeitos com os quais ela dialoga possuem uma experiência social consolidada com a linguagem virtual e as tecnologias digitais em variados suportes e situações, com destaque aqui para os jogos, animações e canais e/ou sendo *youtuber* no *youtube*, acessados em celulares ou *tablets*, restando a ela a missão de promover o letramento digital.

Se de um lado defendemos, a partir da perspectiva de Pinheiro (2018), na formação dos sujeitos, tanto o letramento visual quanto informacional, por outro, como Buckingham (2010), postulamos que aprender a usar a mídia requer compreendê-la em suas várias dimensões para que os sujeitos possam exercer o senso crítico nas suas trajetórias escolares. Considerando essas posições e os apontamentos de Soares (2002), Coscarelli e Ribeiro (2010) é que acreditamos nos *multiletramentos*, sobretudo, porque

⁴ Glossário Ceale- FAE/UFMG. Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Ceale. FAE/UFMG. [http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/tecnologia-digital\(s/d\)](http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/tecnologia-digital(s/d))



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

propiciam condições do aprendizado de valores éticos e culturais quando nos deparamos com o fato de que as pessoas hoje assumem e vivem múltiplos papéis, identidades e, por conseguinte, experiências em escala tanto local quanto global.

E por que estamos sendo convocados a pensar sobre essa questão? Porque no contexto de uma sociedade definida por Bauman (2009), por exemplo, como pós-moderna, demanda-se das instituições formativas ações didáticas pedagógicas que, efetivamente, oportunizem aos sujeitos se apropriarem das linguagens particulares dos tempos em que vivemos, e dentre elas destacamos a digital, suas lógicas de integração, subjetivação, modos de comunicação, expressão, interatividade e produção/sistematização/compartilhamento de conhecimentos, informações e saberes.

Nosso esforço aqui é tentar compartilhar algumas ideias e inquietações sobre em que medida as tecnologias digitais hoje estão integradas no contexto escolar e como se dá os modos de aprendizagem do letramento digital. Nos valem de uma revisão de literatura das últimas duas décadas, considerando as contribuições do campo da linguística: Coscarelli (2017), Soares (2002), Pinheiro (2018) e da sociologia da experiência de Dubet (2004).⁵ Os estudos da linguística nos ajudam a entender a urgente necessidade de apropriação das linguagens que surgem e a abordagem teórica de Dubet oferece outra perspectiva para refletir e intervir sobre o quanto as experiências sociais transformam os contextos e os indivíduos de modo particular.

Este texto, então, está organizado em duas seções sendo que na primeira identificamos os conceitos de letramento e tecnologias digitais e na segunda a necessidade do letramento digital por parte dos professores, já que para atender às demandas que se fazem pertinentes hoje no fazer pedagógico, eles precisam de conhecimento.

As tecnologias digitais e o letramento digital

⁵ Discípulo de Alain Touraine, que teorizou a sociologia da ação, Dubet entende que as ações dos sujeitos podem apresentar sentidos contraditórios na medida em que o estudo de suas experiências pode revelar sentimentos e como os fenômenos são construídos pelas suas ações. A subjetividade marca a singularidade das experiências de sujeito que esteja imerso no mesmo contexto, considerando que cada um sente e pensa a realidade de modo diferente.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

Ser letrado digital hoje não é somente ter competências para as funções/comandos dos dispositivos de rede, mas também se posicionar diante do que vivencia neste ambiente. Pinheiro (2018) cita como exemplo o *youtube*; este serve ao adolescente, por exemplo, quando o acessa para tirar suas dúvidas provindas de conteúdos escolares, por meio de videoaulas. Buckingham (2010) destaca a importância da criança compreender sobre quais são as fontes da informação, quais são os interesses de seus produtores e quais as formas como ela representa o mundo.

Conforme Freitas (2010), para a aquisição do letramento digital, o indivíduo tem que ser proficiente em quatro competências básicas: avaliação crítica de conteúdo, já citada anteriormente, é a mais essencial delas; A segunda competência é a de ler usando o modelo não-linear ou hipertextual; a terceira, construção de conhecimento diante da internet; e a quarta, habilidades de buscas para lidar com o que ele chama “biblioteca virtual”.⁶ Conforme Proulx (2016), as pessoas que fazem uso das tecnologias digitais, ou seja, estão imersas na cultura digital, têm que ter um conjunto de competências, tais como: conhecimento dos princípios básicos dos dispositivos; habilidades para usar redes de computadores; conseguir se comunicar em comunidades *online* e redes sociais, respeitando os protocolos comportamentais; fazer pesquisa; avaliar as informações encontradas; compreender as questões sociais inerentes e se posicionar criticamente diante disso.

Costa, Duqueviz e Pedroza (2015) nos informam que letramento digital significa inclusão. Dando continuidade, expõem que existe uma interdependência e uma completude entre o sujeito e as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), já que as tecnologias são produtos humanos, assim estão carregadas de humanidade e vice-versa, ou seja, a humanidade também está carregada de tecnologia.

Ribeiro (2009) explica ainda o que é o letramento digital limitado e *analfabytes*. O primeiro, como o próprio nome já indica, é quando o sujeito acessa apenas uma modalidade textual; é o caso dos *chats*, por exemplo. O segundo, são aqueles indivíduos

⁶ Termo que a autora toma emprestado de Gilster (1997).



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

que apesar de saberem ler e escrever, não têm conhecimento das novas mídias, em específico o computador e a internet (CHARTIER *apud* RIBEIRO, 2009). Conceitua ainda o que são as *agências de letramento*: diversos espaços que orientam as práticas de indivíduos e comunidades para letramentos vários, sendo um desses a escola.

Letramento digital dos professores e suas implicações no fazer pedagógico

Conforme Modelski, Giraffa e Casartelli (2019) o espaço da sala de aula convergirá entre o ensinar e o aprender, numa parceria professor/aluno, mas o primeiro continua com a grande missão de orientá-lo e desafiá-lo na sua formação integral como ser humano. Na BNCC (2017) é possível confirmar tal assertiva ao lermos: “Ser familiarizado e usar não significa necessariamente levar em conta as dimensões ética, estética e política desse uso, nem tampouco lidar de forma crítica com os conteúdos que circulam na Web” (p. 68).

Para Buckingham (2010) a maioria das experiências dos jovens com relação aos usos tecnológicos ocorre fora da escola, a chamada *cultura tecnopopular*. Eles usam a internet para, por exemplo: conversar em salas de bate-papo, mandar mensagens instantâneas para amigos, jogar, baixar músicas, etc. A parte que preocupa, conforme o autor, é que eles estão perdendo o foco para a educação. O que ocorre é que mudou o contexto tecnológico, todavia as metodologias mantêm-se como um desafio em aberto, no que se refere às tecnologias digitais (MODELSKI; GIRAFFA; CASARTELLI, 2019). Freitas (2010), ao analisar ementas de cursos de Educação Superior, pôde perceber que a formação inicial dos professores está carente; mais recentemente, Modelski, Giraffa e Casartelli (2019) também constataram a mesma coisa. Sugimoto, Rolim, Mazzafera e Moura (2017) também direcionam suas atenções para o ensino superior. Para eles o que ainda precisa acontecer nessa fase de ensino é um processo de construção de conhecimento que proporcione autonomia; nesse sentido, o domínio de ferramentas de tecnologias da informação em muito colabora para desenvolver esse perfil de profissional capaz de atuar na construção e no aprimoramento da sociedade brasileira.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

**V Seminário Interdisciplinar
de Ensino, Extensão e Pesquisa**

Ainda conforme Modelski, Giraffa e Casartelli (2019), investir em cursos de treinamento para professores a fim de ajudá-los no uso das tecnologias não é o bastante; é imprescindível também a formação para o uso didático dos recursos tecnológicos, pois quanto mais oportunidades de vivências os docentes tiverem, maior será o leque de práticas pedagógicas em que estarão inseridas as tecnologias digitais. Isso envolve levar em consideração as práticas pedagógicas que já deram ou estão dando certo no que concerne ao uso das tecnologias digitais. Na pesquisa realizada pelos autores, os docentes que fizeram parte da pesquisa deles relataram que o contato com outros colegas foi algo muito proveitoso, já que tiveram a oportunidade de conhecer possibilidades e recursos de forma rápida e contextualizada.

Ribeiro e Coscarelli (2010) já tratam de outro fato também necessário de reavaliação: matrizes de avaliação de leitura das avaliações de larga escala, tendo em vista suas limitações (fato também retratado por Pinheiro (2018)). Elas explicam que há matriz que preconiza tanto a avaliação da leitura de textos impressos quanto digitais, entretanto só possibilita avaliar textos impressos, já que não dão margem para o uso de ícones, menus, barras, abas, entre outros. As autoras ainda acrescentam que a matriz de leitura deveria ser mais ampla e abarcar também a escrita, fala e escuta de textos de diversos gêneros; e o mais importante para nossa era: exercer tais competências num ambiente digital e contextualizado, a fim de que aconteçam em uma situação/suporte comunicativo determinado. Lopes e Pimenta (2017) apontam que desde 1917 existem empecilhos para uma formação em sua completude para os professores no Brasil, uma vez que há a ausência de concepções teóricas válidas, consistentes e de políticas públicas amplas e contínuas, o que ocasiona em formação de docentes voltadas especificamente para a educação profissional.

Outro ponto que também representa um desafio para as escolas diz respeito à inclusão, pois as mesmas têm uma missão crucial no enfrentamento das desigualdades de acesso à tecnologia surgida na sociedade e na promoção do letramento digital (RIBEIRO, 2009). Buckingham (2010) explica que a parceria com outras instituições *intermediárias*,



tais como bibliotecas e centros de tecnologia da comunidade poderia enriquecer este processo.

A BNCC (2017) também retrata sobre essa realidade: “Uma parte considerável das crianças e jovens que estão na escola hoje vai exercer profissões que ainda nem existem[...]” (BRASIL, 2017, p.69). Segundo esse documento, ao considerar os novos multiletramentos, a escola não somente possibilitará uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes, como também o desenvolvimento de muita criatividade graças às novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos.

Conclusão

De que formas, então, o professor poderá trabalhar a coautoria com o aprendiz? A BNCC (2017) traz alguns exemplos: acessar conteúdos variados em diferentes mídias (quase todo aluno hoje traz um celular para a sala de aula), produzir e publicar fotos, vídeos diversos, *podcasts*, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais; produzir *playlists*, *vlogs*, vídeos-minuto, escrever *fanfics*, produzir *e-zines*, nos tornar um *booktuber*; produção de um ensaio e de um vídeo-minuto. Martins e Santos (2018) propõem a inserção de diferentes gêneros textuais digitais no cotidiano da sala de aula tais como, blog, fórum, *chat*, lista de discussão, etc. de sites de redes sociais como o *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Youtube*, entre outras e de aplicativos de mensagens instantâneas: *WhatsApp*, *Snapchat* e *Hangouts*, por exemplo. Buckingham (2010) remonta aos jogos de computador, pois envolvem uma série de atividades cognitivas, a saber: lembrar, testar hipóteses, prever e usar planos estratégicos. Todavia, esta é uma *atividade que por si só não desempenha um modelo válido de aprendizagem em geral*.

Nas impressões de Lopes e Pimenta (2017), muitos docentes não acreditam que o celular, por exemplo, pode ajudá-los em suas práticas pedagógicas, pois o veem como mera distração para os alunos. Como a *Web* traz em sua base o princípio democrático, todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente, daí ser preciso o desenvolvimento



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetitê, BA

de diferentes habilidades e postura ética, a saber: respeitar a diversidade e a diferença, identificar o que é opinião e o que é fato.

Embora a BNCC (2017) oriente a convivência tanto do impresso quanto dos novos letramentos, em específico o digital, apreciando assim gêneros multissemióticos e hipermediáticos, está posto o desafio (BONILLA, 2010) de que as escolas públicas efetivamente ofereçam uma estrutura tecnológica adequada (MORAN, 2000).

É fato que as mudanças locais e globais ditam outras possibilidades de ser e estar no mundo e as conexões da *cibercultura* (LEVY, 1999) alteram as referências de espaços físicos e locais (CASTELLS, 1999) abarcando várias dimensões da existência coletiva e individual. A rede não tem um centro, então todos precisam participar e alimentá-la sincrônico e diacronicamente para que se renove, atualize num *continuum* de transformações. É fato também que as tecnologias digitais não podem ser utilizadas para mascarar velhas metodologias (PINHEIRO, 2018).

Referências

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**, Rio de Janeiro: Zahar, 2007

_____. **Vida Líquida**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

BONILLA, Maria Helena. Políticas públicas para inclusão digital nas escolas. **Motrivência**, ano 22, n.34, p. 40-60, jun. 2010.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular** (3ª versão). Brasília: MEC/SEB, 2017.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSCARELLI, Carla Viana. **Cidadania digital**: atividades para formação do pensamento crítico. - Belo Horizonte: SC Literato, 2017.

COSTA, Sandra Regina Santana; DUQUEVIZ, Barbara Cristina; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Tecnologias Digitais como instrumentos mediadores da aprendizagem dos nativos digitais. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 603-610, Dez. 2015.



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** In: Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

FREITAS, Maria Teresa. **Letramento digital e formação de professores.** Educ. rev. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, dez. De 2010.

GILSTER, P. **Digital literacy.** New York: John Wiley & Sons, Inc., 1997.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: 34, 1999.

LOPES, Priscila Almeida; PIMENTA, Cintia Cerqueira Cunha. O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: Benefícios e desafios. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 3, n. 1, p. 52-66, 2017. CAp UFPE.

MARTINS, Erikson de Carvalho; SANTOS, Gilberto Lacerda. O desenvolvimento da capacidade de argumentação em mídias sociais digitais: o uso pedagógico do WhatsApp. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 20, n. 1, p. 137-152, jan./mar. 2018.

MODELSKI, Daiane; GIRAFFA, Lúcia M. M.; CASARTELLI, Alam de Oliveira. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, e180201, 2019.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

PINHEIRO, Regina Cláudia. Conceitos e modelos de letramento digital: o que escolas de ensino fundamental adotam? **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v. 18, n. 3, p. 603-622, Dez. 2018.

PROULX, S. Trajetórias de uso das tecnologias de comunicação: as formas de apropriação da cultura digital como desafios de uma sociedade do conhecimento. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 49, n.2, p. 443-453, 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa. Letramento digital: um tema em gêneros efêmeros. **Revista da ABRALIN**, v.8, n.1, p. 15-38, jan./jun. 2009.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. O que dizem as matrizes sobre a leitura em ambientes digitais. **Educ. rev.** Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 317-334, dez. 2010.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc. Campinas**, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SUGUIMOTO, Hélio Hiroshi et al. Avaliação do letramento digital de alunos ingressantes do ensino superior: uma abordagem exploratória do conhecimento computacional,



A UNIVERSIDADE É UM LUGAR DE TODXS E PARA TODXS?

**28 a 30 de agosto de 2019
UNEB - Caetité, BA**

comunicacional e informacional. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília , v. 98, n. 250, p. 805-822, Dez. 2017 .

TAPSCOTT, D. **Geração digital**: a crescente e irredutível ascensão da geração net. São Paulo: Makron Books, 1999.